

BOLETIM n.º 58 — 2ª Série

JUNHO de 2016

internet: aplg.no.comunidades.net

Apartado 4099 — 3 030 - 999 Coimbra ; e-mail: aplg@mail.pt

Facebook: páginas — Associação de Professores de Latim e Grego

Cont.

2. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 30 de Abril:

Que currículo para o século XXI

Na página da DGE que anuncia a realização da 3ª conferência europeia da Literacia organizada pela Rede Europeia ELINET que teve lugar na Holanda no passado mês de Janeiro, lê-se que:

“Um em cada cinco adultos e um em cada cinco jovens de 15 anos, não tem as competências de leitura de que necessita para funcionar plenamente numa sociedade moderna. Este facto traduz-se numa dificuldade acrescida para encontrar emprego, para além de contribuir para o aumento do risco de pobreza e exclusão social.”

Trata-se de um problema muito grave que nos deve levar a reflectir sobre o papel da escola, sobre o que se aprende na escola, que competências deve possuir o jovem que termina a sua escolaridade. É urgente analisar, com clareza, sem preocupações com o que é “politicamente correcto”, o que tem sido feito nas nossas escolas nos últimos dez, vinte anos e encontrar os erros cometidos para os poder remediar, para não termos mais uma geração prejudicada com as experiências, as modas e modismos que constantemente passam no nosso sistema de ensino. As constantes reformas que as nossas escolas têm vivido, nos diferentes graus de ensino, provocaram muitos danos que se repercutem depois, numa reacção em cadeia, nas gerações seguintes.

É tempo, pois, de repensar o ensino que é ministrado nas escolas, repensar as prioridades curriculares, definir com clareza o rumo a seguir, independentemente de quem esteja a legislar.

Se queremos educar jovens para um futuro melhor, pois é sempre a perfeição que a educação deve ter no seu horizonte, é esse o fim que deve perseguir, se queremos formar adultos que pensam sobre o seu mundo, que reflectem, jovens com valores firmes, com ideais e capazes de usar a sua inteligência, a sua imaginação na construção de uma sociedade mais justa, não podemos ter uma escola que os educa apenas para o utilitário, para o interesse prático, para os problemas do quotidiano, sobretudo não podemos ter um currículo escolar feito com base naquilo que, numa determinada circunstância, convém às empresas, ao empreendimento, com base apenas no sucesso imediato e financeiro.

É essencial que se considere que um currículo para o século XXI não pode deixar de lado as Humanidades, que devem estar subjacentes não só ao que designamos por Letras, mas também às Ciências e às Artes. A formação de base do jovem do nosso tempo tem de ter em conta uma forte base humanística, procurando, neste mundo virado para a técnica, uma identidade humana, uma forte convicção nos valores universais, nos valores que contam, que são importantes e dão sentido à vida.

A este painel foi dado como tema “A Literacia no Currículo e a Aprendizagem da Língua”. Ora, se **literacia** é a capacidade de saber ler e interpretar, compreender, analisar e criticar, só esse conhecimento

pode formar cidadãos independentes e livres, capazes de pensar por si, senhores de um espírito crítico que os faça interrogar a realidade e não apenas seguir aquilo que lhes é inculcado.

Para tal é preciso não esquecer que pensar sobre o presente não pode deixar de lado o passado, pois foi esse passado que nos fez chegar aqui, são as lições da história que nos ajudam a construir o presente e a projectar o futuro.

O professor e filósofo italiano Nuccio Ordine, autor de um livro com o sugestivo título “A utilidade do inútil”, afirmava numa entrevista à Folha de S.Paulo em Março deste ano:

“Sem memória não há conhecimento nem identidade. O passado é fundamental para compreender o presente e o futuro. Se matamos as disciplinas humanistas e as línguas clássicas, criamos o deserto do espírito, ”¹

E acrescentava:

“Não estudamos latim e grego para falar, mas porque é uma forma de educação à lógica, ao rigor, uma postura para compreender de onde vem o nosso saber. Praticamente todas as questões que discutimos em filosofia, na ciência, na vida social, vêm da Grécia.”

Então, promover a literacia passa por promover a língua, a aprendizagem da língua materna e das outras línguas, promover a leitura, promover a lentidão para a reflexão, para a leitura silenciosa, sem pressas, conferindo-lhe o tempo que a reflexão exige. E para um melhor conhecimento da nossa língua é necessário debruçarmo-nos sobre a sua estrutura, sobre a sua origem, sobre a língua-mãe de onde ela provém.

O estudo das línguas clássicas, o conhecimento da cultura greco-latina deve fazer parte do currículo obrigatório. Estes estudos não podem ser privilégio de alguns, devem ser oferecidos no ensino público a todos os jovens, pois só assim a escola contribuirá para a igualdade de direitos, ajudará a esbater as diferenças, sociais ou outras.

E a promoção da leitura terá de ser feita através de uma cultura da reflexão, sobre a língua, sobre o texto, numa “guerra” contra a rapidez a que uma certa utilização das tecnologias do nosso tempo conduziu. O conhecimento forma-se na reflexão, no silêncio, não no ruído da técnica e na rapidez da informação. As tecnologias têm de ser vistas como aliadas do saber, como ferramentas de ajuda e não como meios para alcançar apenas objectivos funcionais, à pressa.

É também por isso que o estudo das línguas clássicas é importante: ele obriga a uma reflexão sobre a palavra, leva-nos ao conhecimento mais profundo de cada vocábulo, explica-nos a origem de muitos dos nossos usos linguísticos e culturais, ajuda a formar um saber consistente e, como tal, duradouro. É preciso promover o conhecimento como um valor em si, para além do utilitarismo imediato.

O jovem que termina o ensino secundário tem de estar munido de um conjunto de saberes que o ajudarão a compreender melhor o que se passa no mundo à sua volta, tem de possuir conhecimentos que lhe permitam a leitura e a compreensão da linguagem corrente, mas também da linguagem das artes, tal como de tudo o que precisa compreender no dia a dia da sua vida, sem estar a todo o momento dependente da “máquina” informativa. Só um saber de base, adquirido na escola, formará o cidadão para a selecção da informação, para saber rejeitar, combater, criticar o que não interessa, seguir o seu próprio rumo com ideias próprias, com valores em que acredita e que defende.

As constantes reformas curriculares do nosso ensino secundário têm conduzido, há várias décadas, os estudos clássicos a uma situação de tal modo catastrófica que, muitas vezes, quando um professor fala em ensinar latim e grego é considerado uma *avis rara*. Aparecendo apenas como opcional no ensino secundário, o latim e o grego quase desapareceram das escolas portuguesas, estando o seu estudo limitado a um número muito restrito delas, graças ao esforço, nem sempre compreendido, dos professores.

A APLG, que sempre tem lutado pelo ensino das línguas clássicas, defende um ensino da cultura e das línguas clássicas a partir do ensino básico. No ano lectivo que agora termina, o projecto introduzido com a Oferta de Escola mostrou-nos que esses estudos têm viabilidade. Formaram-se turmas desde o 1º ciclo até ao 9º ano, clubes frequentados por alunos dos diversos anos de escolaridade, do básico e do secundário, cursos livres, acções diversas. Os inúmeros trabalhos realizados são a prova da dedicação dos nossos professores, do interesse dos alunos e da importância que esses projectos tiveram na dinamização

¹ in <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2016/03/1746420-o-conhecimento-e-um-valor-em-si-defende-o-italiano-nuccio-ordine.shtml>

das escolas, no trabalho de equipa, promovendo a interdisciplinaridade. Em algumas escolas o dinamismo dos professores levou à oferta de cursos livres de iniciação à língua latina e os alunos apareceram com entusiasmo, com interesse.

Mas o projecto não pode ficar apenas ao sabor da boa vontade da direcção da escola e da dedicação dos professores que prescindem de horas de descanso. É necessário que a disciplina de *Introdução à Cultura e Línguas Clássicas* seja parte integrante do currículo, mais ainda, que uma disciplina de *Introdução à Língua Latina* e à *Língua Grega* seja oferecida no 3º ciclo do ensino básico, como opção, para os alunos que queiram frequentá-la.

Só assim se promoverá um ensino público que dê a todos as mesmas oportunidades, a mesma formação.

Depois vem o Ensino Secundário, que não pode ser entendido como uma especialização. A formação humanística de base deve continuar. A Língua Latina tem de ser obrigatória no Curso de Línguas e Humanidades (noutros países é mesmo obrigatória para os alunos de cursos científicos), pois não se compreende uma formação em Cursos da área das ciências humanas e mesmo do Direito sem um mínimo de conhecimentos das línguas clássicas e da cultura que, através delas, herdámos. E, nessa promoção da igualdade, no campo das opções, propomos que no 12º ano, para além da hipótese, que já existe, da opção de Grego em todos os cursos, haja também uma opção de Iniciação à Língua Latina igualmente para todos os cursos. Disso muito beneficiariam, certamente, os alunos que seguem o curso de medicina e os cursos da área científica, não esquecendo a sua importância na formação geral dos jovens que após o 12º ano não pretendam o prosseguimento de estudos e se encaminhem para o mundo do trabalho.

Que currículo para o século XXI? Tal como em qualquer século: um currículo que promova o saber, que dê competências gerais para a independência e a liberdade na tomada de decisões, que promova o ser humano e os seus valores.

Isaltina Martins, in Painei 1: *A Literacia no Currículo e a Aprendizagem da Língua* — APLG — in Conferência *Currículo para o Século XXI — Competências, conhecimentos e valores numa escolaridade de 12 anos*.

3. Coimbra, 4 de Junho, 1º Colóquio Internacional Introdução à Cultura e Línguas Clássicas:

No balanço final de um primeiro ano de ICLC ou de clubes afins (francamente, positivos) um novo ciclo continuará a germinar. Acreditem que nós, professores, educadores, somos também agentes de mudança. Não nos podemos deixar de entusiasmar com a nossa profissão e com novos desafios. Há que valorizar o papel do Presente, partindo dele para chegar ao Passado, não numa vertente saudosista, mas recuperadora. Como consegui-lo? Não esquecendo que os alunos precisam de instrução (no sentido de “semear”, de construir coletivamente, in + struere) e de educação (educare, e + ducere); e o bom professor é o que também educa, o que leva o aluno a, o que ensina a gostar, o que ensina a viver, o que articula o saber com a realidade. Ora, ao trabalharmos e ao divulgarmos a cultura e as línguas clássicas estamos, claramente, a educar.

Nesta senda, duas questões se colocam:

— O que devem fazer os professores para dinamizar nas escolas os estudos clássicos?

— O que deve fazer a Associação de Professores de Latim e de Grego (APLG)?

Quanto à primeira questão, eis algumas propostas:

a) Implementar a disciplina oferta de escola ICLC nem que seja só numa turma. Esse “pequeno passo” abrirá caminho para “grandes passos”.

b) Encetar parcerias de trabalho colaborativo com professores de outras disciplinas, por exemplo, História, Português, Filosofia, Artes, Ciências, Clube Europeu, Plano Nacional de Cinema, procurando encontrar pontos de contacto e criando projetos em comum. Não deve ser esquecido o papel da Biblioteca Escolar enquanto “coração da Escola” e as valências que congrega, podendo ser uma ótima aliada do professor de ICLC, Clube das Línguas Clássicas, Latim e/ou Grego. Exposições, almoços no refeitório, jogos, mostras bibliográficas serão ótimas iniciativas para mostrar, por exemplo, que a publicidade fala Latim e Grego, que a Medicina e as Ciências Farmacêuticas se baseiam nas Línguas Clássicas, que a origem do continente europeu pode ser explicado por uma narração mitológica, que a literatura portuguesa é bem mais fácil de entender e mais prazerosa se conhecermos a literatura clássica e a mitologia.

c) Mostrar à comunidade educativa o que vai sendo feito nas disciplinas relacionadas com os Estudos Clássicos. Se estamos na Era Digital, porque não usar ferramentas e suportes da mesma?! As redes sociais serão, com certeza, uma mais-valia, visto que, rapidamente, a informação chega ao recetor pretendido e se

difunde à escala local, regional, nacional e mundial. Os blogues e páginas de Agrupamentos e Escolas podem ser usados como outros veículos de transmissão de cultura e de divulgação.

d) Celebrar efemérides relativas à civilização greco-romana e anunciá-las, por exemplo, em placar(es) físico(s) nas escolas, nos átrios, no jornal escolar, no blogue da Biblioteca Escolar, na Página do Agrupamento e Escola, nas redes sociais.

e) Acompanhar o que as Faculdades e Departamentos Universitários da área vão dinamizando, sendo algumas dessas propostas direcionadas já para o público das escolas básicas e secundárias (os *Ludi Conimbrigenses* - UC; “À Descoberta da Grécia Antiga” - Ciclo de Palestras: “Ser Criança na Grécia Antiga” - Prof. Doutora Luísa de Nazaré Ferreira, “Democracia na Grécia Antiga” – Prof. Doutor Delfim Leão, “Jogos Olímpicos” – Prof. Doutora Carmen Soares; *Officina Romanorum MMXVI*, junho;).

Relativamente ao que deve fazer a APLG, há que refletir sobre o papel de uma associação de professores. Qualquer uma que exista deve reger-se por ser difusora do conhecimento profissional e promotora da construção e do desenvolvimento da profissão e da profissionalidade docente, assumindo-se como comunidade de práticas de ensino, promotoras e construtoras de conhecimento profissional específico e de valorização do estatuto social e profissional do professor. Porém, para tal, é necessário que tenha associados; quanto mais associados, mais atividades, parcerias e trabalhos colaborativos e cooperativos poderão acontecer. ...

Sendo assim, a APLG propõe:

a) Apresentar e concretizar parcerias com universidades (especialmente com a área de Estudos Clássicos) para benefícios variados, com Museus e com outras instituições do país ou estrangeiras (aceitam-se propostas dos Associados).

b) Dinamizar ações de formação (de curto, médio e longo prazo) para professores (sendo os Associados incluídos na primeira prioridade de aceitação) e para alunos.

c) Continuar a divulgar atividades e materiais variados relacionados com os Estudos Clássicos nas redes sociais.

d) Criar um cartão de Associado para apresentação em determinados contextos e/ou protocolos a estabelecer.

e) Continuar a informar os Associados, periodicamente, através de Boletim (em papel e em suporte digital).

f) Contribuir para a realização do Colóquio Internacional Introdução à Cultura e Línguas Clássicas.

g) Fomentar o crescimento de um repositório digital com materiais.

Contamos com todos para contrariar o *Fatum* das Línguas Clássicas, nos últimos anos, em Portugal. De forma alguma, o espírito classicista existente em cada um de nós se pode deixar aniquilar. Sejamos “Penélopes” esperançadas, sejamos “Ulisses” vencedores para que “Ítaca” (leia-se Línguas Clássicas) seja nossa! E que, tal como Jacques Delors defendia no *Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI* (1999: 18), o conceito de educação ao longo de toda a vida seja uma das chaves de acesso a este século em que temos o dever de compreender melhor o outro e de compreender melhor o mundo para que o possamos transmitir aos outros. Tarefa hercúlea?! A Cultura e as Línguas Clássicas ajudar-nos-ão a aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser – os quatro pilares essenciais para a partir do Presente, valorizar o Passado e perspetivar o Futuro.

Célia Mafalda Oliveira, *Painel: Que propostas para o Futuro? — “O Papel dos Professores e das Associações”* — APLG (extractos)

Línguas clássicas — alguns números:

- Na época de exames que agora começou, requereram exame de Latim, 11ºano, 33 alunos.
- O projecto, Oferta de Escola, *Introdução à Cultura e Línguas Clássicas*, neste primeiro ano de experiência, foi adoptado em cerca de 20 escolas, tendo outras oferecido Clubes de Cultura Clássica e Acções na Biblioteca que envolviam alunos de vários anos de escolaridade.
- Na Itália, todos os alunos do ensino secundário (com excepção de alguns cursos mais técnicos) estudam latim durante 5 anos.
- Na Holanda (com um ensino muito diferenciado em termos de estabelecimentos escolares), o

gymnasium oferece latim para todos durante 6 anos. Em 2015 havia cerca de 10 mil alunos com latim.

Livros

1. Para férias:

- Philip Matyszak, *Atenas Antiga por Cinco Dracmas por Dia*, Bizâncio, 2015.
- Philip Matyszak, *Roma Antiga por Cinco Denários por Dia*, Bizâncio, 2015.